



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FERNANDO GONÇALVES

**PERCURSO E PERCALÇOS DA INTEGRAÇÃO: RELAÇÕES DE
SOCIABILIDADE ENTRE ESTUDANTES INTERNACIONAIS DA UNILAB/MALÊS
E A COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA (2014-2024)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

FERNANDO GONÇALVES

**PERCURSO E PERCALÇOS DA INTEGRAÇÃO: RELAÇÕES DE
SOCIABILIDADE ENTRE ESTUDANTES INTERNACIONAIS DA UNILAB/MALÊS
E A COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA (2014-2024)**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

FERNANDO GONÇALVES

**PERCURSO E PERCALÇOS DA INTEGRAÇÃO: RELAÇÕES DE
SOCIABILIDADE ENTRE ESTUDANTES INTERNACIONAIS DA UNILAB/MALÊS
E A COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA (2014-2024)**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 24/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros (Orientadora)

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

Prof.^a Dr.^a Jucélia Bispo dos Santos

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	7
2.1	GERAL	7
2.2	ESPECÍFICOS	7
3	JUSTIFICATIVA	8
4	REFERENCIAL TEÓRICO	10
5	METODOLOGIA	14
6	CRONOGRAMA	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), criada em 2010 como parte de um projeto político-pedagógico voltado ao fortalecimento da cooperação entre o Brasil e os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), configura-se como um espaço privilegiado para o intercâmbio acadêmico, cultural e social entre estudantes brasileiros e internacionais. Desde 2014, com a instalação do Campus dos Malês em São Francisco do Conde (BA), jovens oriundos de países africanos de língua portuguesa e do Timor-Leste passaram a integrar o cotidiano da cidade, inserindo-se em um território de forte herança afro-brasileira de marcante trajetória de resistência histórica. Em São Francisco do Conde, a chegada desses estudantes gerou um forte estranhamento. Os munícipes os reduzem à categoria de monogrupo ("o africano" ou "o angolano"), eliminando suas diversidades nacionais, culturais e étnicas (Sumba, 2019).

Apesar do potencial de convivência intercultural, ao longo dos anos têm sido observadas dificuldades na inserção social desses estudantes na comunidade local. Pesquisas e relatos apontam que o desconhecimento sobre os países de origem, somado a preconceitos raciais, xenofobia e à ausência de políticas institucionais eficazes, contribuem para a formação de relações marcadas pelo distanciamento ou hostilidade. Os estudantes africanos são sujeitos a uma dupla discriminação: são discriminados por serem negros em uma sociedade pautada pelo ideal de branqueamento, e por serem africanos, um termo que carrega representações pejorativas de selvageria, doenças e miséria, perpetuadas pela mídia brasileira.

Esses obstáculos afetam diretamente as experiências de sociabilidade, trazendo à tona reflexões sobre o papel da universidade, da sociedade local e das políticas públicas nesse contexto. Soma-se a isso a heterogeneidade do grupo de estudantes internacionais, que compartilham a condição de deslocamento, mas apresentam diferenças culturais, políticas, religiosas e sociais que também desafiam a integração interna. Essas complexidades evidenciam a urgência de uma análise aprofundada sobre as dinâmicas dessas relações. Diante desse cenário, este estudo partirá da seguinte questão: Como se configuram as dinâmicas de sociabilidade entre estudantes internacionais da UNILAB/Campus dos Malês e os moradores de São Francisco do Conde, no período de 2014 a 2024, considerando as tensões, preconceitos e resistências culturais que permeiam suas interações cotidianas?

O objetivo desta pesquisa é analisar as dinâmicas de sociabilidade entre estudantes internacionais da UNILAB/Malês e os moradores de São Francisco do Conde, no período de 2014 a 2024, buscando compreender como essas relações se constituíram, que barreiras e aproximações se manifestaram e de que forma os sujeitos envolvidos percebem e o que significa esse convívio. Ao analisar este período, que compreende os períodos pré e pós-pandemia, busco evidenciar continuidades e transformações nas formas de convivência entre estudantes internacionais e moradores.

Parto do pressuposto de que as dinâmicas de sociabilidade entre estudantes africanos e cidadãos/ãs sanfranciscanos/as são tensamente atravessadas por desigualdades históricas, preconceitos e disputas simbólicas, mas apresentam um potencial de convivência e transformação intercultural. A sociabilidade, nesse contexto, é uma experiência relacional e conflitiva, na qual convivem barreiras (xenofobia, desconhecimento, discriminação) e possibilidades de encontro (convivência, aprendizado mútuo, reconhecimento cultural). O papel da universidade como mediadora e promotora de espaços de diálogo, apesar das lacunas institucionais e políticas existentes, é central.

A escolha do tema deriva tanto de vivências pessoais como da percepção de tensões e distanciamentos persistentes entre a comunidade local e estudantes oriundos de países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), sobretudo de países africanos e de Timor-Leste.

A relevância deste estudo manifesta-se em três dimensões: acadêmica, ao ampliar o debate sobre internacionalização e políticas de integração sul-sul; social, ao subsidiar ações de combate à xenofobia e fortalecimento do diálogo entre universidade e poder público; e cultural, ao valorizar a diversidade de identidades que compõem a lusofonia.

Embora as migrações e os intercâmbios entre africanos e brasileiros tenham se intensificado nas últimas décadas, especialmente em decorrência de políticas de cooperação Sul-Sul, ainda são escassas as pesquisas que analisam, de forma sistemática, as dinâmicas de sociabilidade produzidas nesses encontros. A maior parte dos estudos privilegia abordagens voltadas à mobilidade acadêmica, às trajetórias migratórias ou às políticas educacionais, mas pouco se detém nas interações cotidianas, nos processos de reconhecimento mútuo e nas tensões identitárias que emergem quando diferentes repertórios culturais se cruzam. Essa

lacuna teórica e empírica limita a compreensão das relações entre africanos e brasileiros em contextos diversos - urbanos, rurais, educacionais e laborais, e reforça a necessidade de investigações que explorem como essas experiências de convivência se constroem, são percebidas e transformam os sujeitos envolvidos.

Assim, esse estudo pretende contribuir para o fortalecimento de uma universidade pública e internacionalista comprometida com a justiça social, a equidade e o direito à diferença. Investigar essas formas de convivência e os sentidos atribuídos a essa experiência é fundamental para repensar os desafios da interculturalidade em espaços educativos e sociais. Além de contribuir para a produção acadêmica, este estudo visa subsidiar práticas institucionais mais acolhedoras, inclusivas e comprometidas com a construção de uma sociedade livre de opressões.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar as dinâmicas de sociabilidade entre estudantes internacionais da UNILAB/Malês e a comunidade de São Francisco do Conde(BA), no período de 2014 a 2024.

2.2 ESPECÍFICOS

- Identificar as formas de convivência e as dinâmicas de integração social entre estudantes internacionais da UNILAB/Malês e os moradores de São Francisco do Conde (BA);
- Mapear as ações institucionais da UNILAB/Malês voltadas à integração dos estudantes internacionais à comunidade local;
- Avaliar de que forma as interações sociais e ações institucionais contribuem para a inserção dos/as estudantes internacionais na comunidade local;
- Identificar as percepções e expectativas dos estudantes internacionais e dos moradores sobre as interações sociais, evidenciando pontos de convergências e divergências.

3 JUSTIFICATIVA

São Francisco do Conde é um município da Região Metropolitana de Salvador (BA), com população estimada em 40.932 habitantes em 2024 (IBGE, 2024). De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2013), trata-se de uma cidade de população majoritariamente negra e com forte herança afro-brasileira. Apesar dessa composição étnico-racial, observa-se um descompasso entre a identidade local e a receptividade à presença de estudantes africanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Malês), que também são negros. Esse paradoxo se expressa em distanciamentos, estereótipos e barreiras simbólicas que atravessam o convívio cotidiano, revelando as permanências do racismo estrutural e de formas sutis de xenofobia.

Estudos como o de Bendo (2016) já haviam identificado a ausência de políticas de mediação cultural no processo de implantação da UNILAB, o que contribuiu para as situações de exotização e preconceito contra estudantes africanos. Desde então, poucas pesquisas se dedicaram a compreender como essas relações evoluíram, sobretudo após a consolidação de coletivos estudantis e diante das transformações políticas e econômicas do país, que podem ter intensificado o racismo e a desigualdade.

O estudo proposto busca preencher uma lacuna teórica e empírica: apesar da ampliação de estudos sobre internacionalização e mobilidade estudantil, ainda são escassas as análises sobre as dinâmicas de sociabilidade entre africanos e brasileiros em contextos de convivência cotidiana, como cidades do Recôncavo Baiano, marcadas por fortes identidades negras e experiências de resistência. Autores como Nascimento (2014), Santos (2015) e Mbembe (2017) apontam que as relações entre povos da diáspora africana e os africanos contemporâneos são atravessadas por continuidades históricas de subalternização, assim como por possibilidades de reconstrução simbólica e reconhecimento mútuo.

A pesquisa de Bendo (2016) é uma referência inicial, mas não contempla os efeitos do tempo, das novas formas de organização coletiva dos estudantes africanos (como o CMA e a ASEA) nem das experiências vividas durante e após a pandemia de COVID-19. Esses hiatos justificam a necessidade de compreender as mudanças e permanências nas relações entre estudantes internacionais e a comunidade local,

especialmente diante da atuação institucional da UNILAB, que tem como princípio a integração entre Brasil e países da CPLP. É preciso também investigar como a própria universidade tem mediado ou, em certos casos, reproduzido práticas de estranhamento, exclusão e desigualdade. Langa (2012) já havia identificado formas de racismo institucional em outros *campi*, mas este estudo pretende verificar se e como fenômenos semelhantes se manifestam no Campus dos Malês.

A motivação para esta pesquisa também emerge de experiências pessoais vividas por mim como estudante africano em São Francisco do Conde. Situações em que surgem perguntas sobre “como se vive no seu país” ou “se há comida e família lá” revelam não apenas o desconhecimento sobre o continente africano, mas a persistência de imaginários coloniais e relações de alteridade assimétricas. Essas vivências despertaram em mim o interesse em compreender de modo sistemático as dinâmicas de sociabilidade que se estabelecem entre africanos e brasileiros nesse contexto. Assim, minha experiência pessoal constitui o ponto de partida e a inspiração desta pesquisa, mas será analisada com o rigor próprio de uma abordagem qualitativa que valoriza a escuta e a interpretação crítica das experiências sociais.

Outro aspecto relevante é o contraste entre a generalização dos africanos como um monogrupo pelos brasileiros e as diferenças internas existentes entre os próprios estudantes africanos, marcadas por classe, nacionalidade, língua, prestígio e identidades étnicas (como a oposição “criolo *versus* português”). Essas tensões internas, que expressam as heranças coloniais e as hierarquias transnacionais, também influenciam as formas de convivência e merecem análise aprofundada.

A relevância deste estudo manifesta-se em múltiplas dimensões. Na dimensão acadêmica, contribui para o fortalecimento dos debates sobre mobilidade estudantil, relações interculturais e políticas de integração Sul-Sul, ampliando a produção científica de perspectiva africana e afro-diaspórica. Na dimensão social, busca subsidiar políticas públicas e institucionais de acolhimento, combate à xenofobia e promoção da diversidade, fomentando ações de mediação cultural, campanhas educativas e espaços de convivência comunitária. Na dimensão cultural, valoriza as expressões identitárias dos estudantes internacionais, incentivando o diálogo entre culturas e a construção de pertencimentos compartilhados, o que pode enriquecer o repertório simbólico da própria cidade.

A delimitação temporal da pesquisa, 2014 a 2024, nos permite compreender transformações históricas e continuidades nas relações de sociabilidade,

especialmente entre o período anterior à pandemia e o contexto pós-pandêmico. Essa perspectiva longitudinal possibilita identificar desafios estruturais e oportunidades de reinvenção das práticas de convivência.

Assim, esta pesquisa justifica-se por seu potencial de contribuir para a consolidação de uma universidade pública, popular e internacionalista, comprometida com a justiça social, a equidade e o direito à diferença. Ao articular experiência vivida e análise científica, o estudo pretende oferecer subsídios para o fortalecimento das políticas institucionais da UNILAB e para a construção de práticas comunitárias mais acolhedoras e interculturais no município de São Francisco do Conde.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A mobilidade estudantil internacional, sobretudo de estudantes oriundos de países africanos de língua portuguesa e do Timor-Leste, tem impactos significativos na vida social do município de São Francisco do Conde (BA), gerando oportunidades de intercâmbio cultural, assim como desafios de integração e convivência. O deslocamento desses estudantes deve ser compreendido como um fenômeno migratório específico, que os insere em um território historicamente marcado por desigualdades raciais. A integração, nesse contexto, não é um processo automático nem neutro; ao contrário, é permeada por barreiras estruturais e simbólicas que produzem a percepção dos estudantes como estrangeiros ou “outros”. Esse processo reforça a necessidade de analisar as relações sociais sob a lente de categorias como: alteridade, interculturalidade, preconceito, discriminação, racismo, e xenofobia como elementos essenciais para compreender as experiências desses sujeitos em trânsito.

O conceito de **sociabilidade**, central nesta pesquisa, é compreendido “a maneira de estar integrado numa sociedade” (Willems, 1967, p. 311), o que envolve o conjunto de interações sociais que se estabelecem entre indivíduos e grupos em determinado contexto, possibilitando trocas simbólicas, afetivas e culturais. Essas interações não ocorrem de forma neutra: são moldadas por hierarquias raciais, econômicas e culturais, que definem o lugar social dos sujeitos e influenciam o modo como se percebem e são percebidos. Analisar as dinâmicas de sociabilidade entre estudantes internacionais e moradores de São Francisco do Conde significa, portanto,

compreender as formas pelas quais esses encontros se constroem, se tensionam e se transformam no cotidiano.

A partir dessa perspectiva, torna-se indispensável discutir a **interculturalidade** e a **alteridade** como eixos analíticos. Weissmann (2018) observa que a interculturalidade não implica harmonia entre culturas, mas um campo de tensões e negociações em que o sujeito intercultural se (re)constrói por meio do contato com o “outro”. Esse olhar é essencial para compreender o convívio entre estudantes africanos e moradores locais, atravessado por sentimentos de estranhamento e resistência. Munanga (2010) complementa essa visão ao afirmar que a alteridade, quando negada ou hierarquizada, é a base simbólica da discriminação racial. Assim, compreender o convívio entre estudantes africanos e moradores locais requer reconhecer as formas de estranhamento e resistência que emergem dessas relações, muitas vezes marcadas por estigmas coloniais e pela negação da diferença.

No Brasil, o racismo apresenta características específicas. Munanga (op. cit.) ressalta que, diferentemente dos sistemas de segregação formalizados, como os dos Estados Unidos ou da África do Sul, o racismo brasileiro opera de modo dissimulado, sustentado pelo mito da democracia racial. Essa forma de segregação de fato, entrelaçada à desigualdade de classe, é particularmente visível em contextos como o de São Francisco do Conde, onde a cor da pele e a origem geográfica determinam oportunidades e reconhecimentos sociais.

A cartilha elaborada pela Comissão de Igualdade Racial e Social (CIRS, 2019) aprofunda essa análise ao identificar múltiplas manifestações do racismo — velado, institucional, recreativo, científico e estrutural —, demonstrando que ele se expressa tanto nas práticas cotidianas quanto nas políticas públicas e institucionais. Essa tipologia ajuda a compreender por que estudantes internacionais, sobretudo os africanos, são frequentemente alvo de exclusão simbólica, desconfiança ou exotização. Almeida (2019) reforça que o racismo é um sistema de poder estruturante, não um desvio individual, e que a desigualdade racial é parte constitutiva da organização social e política brasileira. Essa perspectiva evidencia que o racismo deve ser entendido como categoria analítica central para a compreensão das desigualdades históricas, pois pressupõe relações assimétricas de poder concentradas em grupos hegemônicos.

Nesse contexto, torna-se importante distinguir racismo de preconceito e xenofobia. O preconceito envolve juízos prévios e estereótipos; a xenofobia traduz a

rejeição ao estrangeiro; e o racismo, conforme Almeida (op. cit.), corresponde à estrutura que naturaliza essas práticas, transformando diferenças culturais ou corporais em hierarquias sociais. A xenofobia, embora distinta, frequentemente incorpora o racismo quando o estrangeiro é negro ou africano, associando-o a imagens de ameaça, pobreza ou inferioridade cultural.

Experiências concretas de xenofobia e racismo podem ser identificadas em situações como a dificuldade de acesso à moradia, suspeitas injustificadas, diferenciação de tratamento em espaços públicos e acadêmicos ou comentários baseados em estigmas culturais e raciais. Essa hostilidade compromete os processos de socialização, enfraquece o sentimento de pertencimento e dificulta o estabelecimento de vínculos com a população local.

Os estudos de Bendo (2016) demonstram que o estranhamento vivido pelos estudantes africanos da UNILAB/Malês não pode ser reduzido a um simples choque cultural. Ele é resultado de múltiplas formas de discriminação – racial, de gênero e de classe, que se entrelaçam e se manifestam nas interações cotidianas. Essa perspectiva reforça a importância da interseccionalidade como ferramenta analítica para compreender as desigualdades vividas por esses sujeitos, que não são homogêneos e trazem consigo experiências e identidades plurais.

A noção de "racismo reverso", comumente utilizada em relação a pessoas negras que reproduzem estereótipos racistas e preconceito, não se sustenta como categoria analítica válida, visto que racismo implica relações assimétricas de poder, algo que os grupos historicamente oprimidos não detêm. Essa compreensão é fundamental para analisar por que estudantes internacionais, especialmente negros, podem ser alvos de discriminação racial, enquanto a população branca, ainda que alvo de preconceito isolado, não sofre discriminação nos mesmos termos.

A investigação proposta também considera a complexidade das relações intra e interculturais entre os próprios estudantes deslocados. Esse enfoque evita generalizações e permite compreender diferentes formas de pertencimento, exclusão e resistência. Assim, ao problematizar a integração, a pesquisa amplia a análise para além do binômio “comunidade local” e “estudantes internacionais”, valorizando a multiplicidade de interações. A diversidade interna dos estudantes internacionais deve ser reconhecida, pois esses sujeitos não formam um grupo homogêneo.

A UNILAB, enquanto instituição pública com missão internacionalista, constitui um espaço de encontro e, simultaneamente, de tensão. Criada para promover a

integração entre os povos da lusofonia e valorizar as heranças afro-brasileiras, a universidade representa um campo de disputa simbólica onde convivem projetos de inclusão e práticas de exclusão. Santana (2011) lembra que o Campus dos Malês foi instalado no Recôncavo Baiano, território de grande concentração de afrodescendentes, e recebeu esse nome em homenagem à Revolta dos Malês (1835), símbolo de resistência africana no Brasil. Contudo, a presença da universidade no município também expõe contradições entre o ideal de integração e as dificuldades reais de convivência entre estudantes internacionais e a população local.

Um aspecto fundamental sobre a migração estudantil de africanos são as expectativas desses estudantes antes de viajarem para o Brasil. Langa (2012) argumenta que, de fato, muitos desses estudantes, deslocam-se ao Brasil com expectativas de facilidade de inserção acadêmica e crescimento na vida pessoal e profissional, mas deparam-se com a estrutura social da sociedade brasileira, hierarquizada por meio da raça, cor da pele e classe social. Isso também pode ser destacado como um dos fatores desse estranhamento, uma vez que, muitos deles pensam numa realidade diferente antes de migrarem para busca de conhecimento e experiências profissionais. O autor evidencia que as experiências afetivas e festivas dos estudantes africanos no Brasil constituem espaços de negociação identitária e de confronto com o racismo cotidiano, revelando que a integração envolve dimensões simbólicas e emocionais, não apenas acadêmicas.

Com base nessa literatura, é possível afirmar que as experiências dos estudantes africanos na UNILAB/Malês são atravessadas por tensões interculturais (Weissmann, 2018), percepções de alteridade racializada (Munanga, 2010), e estruturas históricas de poder (Almeida, 2019). Essas dinâmicas revelam que a mobilidade estudantil internacional deve ser compreendida de forma **intercultural, interseccional e política**, considerando as interações entre racismo, xenofobia, desigualdade e identidade. Tanto Bendo (2016) quanto Langa (2012) mostram que gênero, raça e classe operam de forma combinada, criando experiências complexas de exclusão e pertencimento.

Dessa forma, a articulação teórica entre os conceitos de **sociabilidade, alteridade, interculturalidade, racismo e xenofobia** fundamenta esta pesquisa. Eles fornecem o quadro interpretativo necessário para compreender criticamente as relações entre estudantes internacionais e moradores de São Francisco do Conde. Essa base teórica permitirá analisar com profundidade as narrativas e experiências

que emergirem do campo da pesquisa, contribuindo para a reflexão sobre os desafios e as potencialidades de uma convivência intercultural em um território de forte herança afro-brasileira.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, com ênfase à escuta das experiências e percepções de estudantes internacionais e moradores locais de São Francisco do Conde (SFC). Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de apreender, em profundidade, as percepções, valores e sentidos que estudantes internacionais e moradores de São Francisco do Conde (BA) atribuem às interações cotidianas.

Considerando as reflexões de Marconi e Lakatos (2003), esta pesquisa articula diferentes métodos e técnicas de produção e análise de dados empíricos, respeitando o princípio da flexibilidade metodológica. A investigação se estrutura, portanto, em duas etapas complementares:

- **Levantamento documental e bibliográfico:** revisão de literatura pertinente sobre alteridade, migração estudantil, relações de sociabilidade, interculturalidade e experiências de estudantes africanos e de outras nacionalidades em universidades brasileiras, com destaque para teses, dissertações, monografias, artigos científicos, documentos institucionais da UNILAB, dados estatísticos e registros de agremiações estudantis.
- **Entrevistas semiestruturadas e conversas informais:** serão realizadas, inicialmente, nove entrevistas, podendo o número ser ajustado conforme o critério de saturação teórica, isto é, até que novas entrevistas não acrescentem categorias analíticas relevantes. Principal instrumento de produção dos dados empíricos, as 9 (nove) entrevistas qualitativas serão realizadas com estudantes internacionais da UNILAB (Campus dos Malês) e moradores de São Francisco do Conde, considerando diferentes tempos de ingresso, trajetórias acadêmicas e nacionalidades. O enfoque será nas vivências cotidianas, percepções sobre acolhimento, discriminação,

participação em atividades socioculturais e propostas para fortalecer as relações entre universidade e comunidade.

O campo empírico compreenderá o município de São Francisco do Conde, com observação do cotidiano comunitário. O contato com as(os) participantes será mediado por associações estudantis e lideranças comunitárias locais. A escolha dos sujeitos da pesquisa será intencional e orientada por critérios de diversidade temporal, nacional e experiencial, contemplando:

- Quatro moradores(as) de São Francisco do Conde que vivenciaram a realidade local antes e depois da implantação da UNILAB no município;
- Quatro estudantes internacionais oriundos(as) de país africano lusófono (Angola, Guiné-Bissau ou Moçambique), sendo que um(a) tenha ingressado durante o período da pandemia da COVID-19;
- Um estudante do Timor-Leste, cuja experiência singular contribuirá para uma análise interseccional de raça, nacionalidade e percepção da diferença.

As entrevistas serão gravadas com o consentimento dos(as) participantes da pesquisa e codificadas para análise temática e tratadas com base nos princípios éticos da pesquisa em Ciências Humanas, com anonimato garantido. Será utilizado um roteiro semiestruturado, com questões que abordam: (1) percepções iniciais sobre o acolhimento na cidade; (2) envolvimento em ações políticas, sociais e culturais; (3) experiências de discriminação ou preconceito; e (4) sugestões para o fortalecimento das relações entre estudantes e a comunidade.

As informações serão organizadas e interpretadas por meio da análise temática de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), buscando identificar categorias relacionadas às formas de sociabilidade, desafios da integração, mecanismos de acolhimento e práticas de exclusão e pertencimento. A análise temática seguirá as três etapas propostas pelo autor: (1) pré-análise, com leitura e organização do material empírico; (2) exploração do material, identificando unidades de registro e categorias emergentes; (3) tratamento e interpretação dos resultados à luz dos referenciais teóricos sobre interculturalidade e sociabilidade. A perspectiva adotada será crítica, fundamentada em autores(as) das Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Polen, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENDO, M. D. L. **Estranhamento e Convivência dos Estudantes Africanos em São Francisco do Conde**. 2016. 58 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, São Francisco do Conde, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da população residente para os municípios e unidades da federação brasileiros em 2024**. Brasília: IBGE, 2024.

LANGA, N, B, Ercílio. “Diáspora africana no Ceará: desafios diante da alteridade e ressignificações de identidades étnico-raciais”. In: **Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, 6, 2012, Salvador**. Anais eletrônicos... Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: 57 <http://pt.slideshare.net/erciliolanga/trabalho-completo-diaspora-africana-no-cear-ercilo-langa>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas S.A. 2003.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, n. 12, p. 169-203, 2010. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento**: intelectual, historiadora e militante. São Paulo: Diáspora Africana, 2014.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL. **Cartilha Racismo Não é Mal Entendido**. Brasília: Comissão de Igualdade Racial e Social da OAB/DF, 2022. Disponível no site: <https://oabdf.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Cartilha-Racismo-nao-e-Mal-Entendido.-Racismo-e-Crime.pdf>

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Brasília: PNUD, 2013.

SANTANA, Laís R. **As identidades negras em afrodiáspora das estudantes guineenses em São Francisco do Conde – BA**. 2016. 18 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos) - Instituto de Educação a Distância, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nego Bispo). **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI, 2015.

SUMBA, Quintino. C. **Estudantes africanos na UNILAB campus dos Malês (São Francisco do Conde) entre os anos 2014-2018**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Unilab/Malês 2019.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, Transculturalidade, Interculturalidade. **Revista Construção Psicopedagógica**, v. 26 (27), p. 21-36, São Paulo, 2018.

WILLEMS, Emilio. "Sociabilidade". In: GLOBO. **Dicionário de Sociologia**. Porto Alegre: Editora Globo, 1967. p. 311.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial

Declaro que utilizei ferramenta de inteligência artificial, especificamente ChatGPT, como recurso de apoio para revisão textual e organização de ideias. As reflexões, análises e conclusões aqui apresentadas são de minha autoria e responsabilidade.